

Ministério da Educação – MEC
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC



“Resignificação do Ensino Agrícola”

**- Relatório Consolidado da Região Nordeste -
(Vitória de Santo Antão/PE, 17 e 18 de julho de 2008)**

Brasília (DF), agosto de 2008.

APRESENTAÇÃO

O presente documento é resultado do Seminário de Educação Agrícola da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica da Região Nordeste, cujo tema foi a “*Resignificação do Ensino Agrícola*”, realizado nos dias 17 e 18 de julho de 2008, na Escola Agrotécnica Federal de Vitória de Santo Antão-EAF, na cidade de Vitória de Santo Antão-PE. O evento foi promovido pelo Ministério da Educação – Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica / SETEC - Diretoria de Formulação de Políticas de Educação Profissional e Tecnológica, e a EAF-Vitória de Santo Antão.

Observa-se a necessidade cada vez maior do ensino agrícola ser visto em outra dimensão: associado a uma nova cultura do trabalho e da organização social, como a produção orgânica, pequenas propriedades e agricultura familiar.

O objetivo do Seminário foi discutir um novo conceito para a formação agrícola, de forma que esta responda a todas as demandas e desafios do momento atual e futuro.

O evento contou com a participação de 89 pessoas, entre educadores da rede federal de educação profissional e tecnológica (diretores de ensino, coordenadores pedagógicos e professores), das seguintes Unidades de Ensino da Rede Federal: Escola Agrotécnica Federal de Belo Jardim / EAF-Belo Jardim-PE; Escola Agrotécnica Federal de São Raimundo das Mangabeiras/EAF-São Raimundo das Mangabeiras-MA; Escola Agrotécnica Federal de Catu/EAF-Catu-BA; Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão/EAF-São Cristóvão-SE; Escola Agrotécnica Federal de Satuba/EAF-Satuba-AL; Escola Agrotécnica Federal de Codó/EAF Codó-MA; Escola Agrotécnica Federal de Barreiros/EAF-Barreiros-PE ; Escola Agrotécnica Federal do Crato/EAF-Crato-CE; Escola Agrotécnica Federal de Guanambi/EAF-Guanambi—BA; Escola Agrotécnica Federal de Sousa/EAF-Sousa-PB; Escola Agrotécnica Federal de São Luiz/EAF-São Luiz-MA; Escola Agrotécnica Federal de Senhor do Bonfim/EAF-Senhor do Bonfim-BA; Escola Agrotécnica Federal de Santa Inês/EAF-Santa Inês-BA; Centro Federal de Educação Tecnológica de Petrolina/CEFET-Petrolina-PE; Centro Federal de

Educação Tecnológica de Recife/CEFET-Recife-PE; Unidade de Ensino Descentralizada de Ipanguaçu/UNED – Ipanguaçu – RN; Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas – CODAI/UFRPE; Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – UFPB; Colégio Agrícola Bom Jesus – UFPI; Escola Técnica Federal de Brasília/ETFB-DF.

Participaram também do Evento representantes da Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária do Estado de Pernambuco – SARA; da Secretaria de Meio Ambiente, de Vitória do Santo Antão; da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Coordenação de Licenciatura em Ciências Agrícolas; do Ministério da Agricultura, Abastecimento e Reforma Agrária – MAPA; e do Ministério do Meio Ambiente – MMA. Também esteve presente a Deputada Estadual (de Pernambuco) Teresa Leitão, do Partido dos Trabalhadores.

O evento foi organizado em três momentos. Inicialmente foi feita uma reflexão sobre o Ensino Agrícola na Rede Federal – “*Resignificação do Ensino Agrícola*”; no segundo momento, foram formados três Grupos de Trabalho cujo objetivo foi diagnosticar a realidade da educação agrícola na atualidade, indicar os desafios e propor estratégias para a superação. O terceiro momento ficou dedicado à plenária final. O objetivo deste último foi o de socializar as informações oriundas dos três grupos e também possibilitar a todos os participantes apresentarem sugestões e críticas enriquecendo as propostas em geral.

Esse relatório sistematiza os principais aspectos de cada uma das três etapas, a partir dos pontos fundamentais ressaltados pelos palestrantes e participantes dos grupos de trabalho: os elementos centrais relativos a cada tema específico e as proposições que deverão subsidiar a formulação de políticas públicas.

Além disto, são contemplados alguns pontos destacados pelos participantes durante os debates. Por fim, são apresentadas breves considerações sobre o seminário a partir das impressões da própria Coordenadora.

ABERTURA DO SEMINÁRIO

A abertura oficial do Seminário do Ensino Agrícola da Região Nordeste coube à Diretora Geral da EAF de Vitória de Santo Antão, professora Velda Maria Amilton Martins, à representante do Diretor de Políticas da Educação Profissional da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC/MEC, Mariângela de Araújo Póvoas Pereira, Consultora Pnud/MEC, e ao representante do Grupo de Trabalho do Ensino Agrícola¹.

Também estavam presentes os seguintes convidados: representante do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento – MAPA, Jorge Ricardo Gonçalo, e do Ministério do Meio Ambiente-MMA, a consultora Fabiana Mongeli Peneireiro, ambos integrantes da Comissão Interministerial de Educação em Agroecologia e Sistemas Orgânica de Produção².

Após uma breve saudação aos componentes da mesa, a Diretora Geral da EAF-Vitória de Santo Antão, professora Velda Maria, iniciou sua palestra dando ênfase aos seus vinte e um anos de trabalho e de professores que trabalham a mais tempo na Rede Federal, destacando sobre seu “amor ao ensino agrícola”. Falou da tarefa e do momento ímpar decorrentes do apoio do Governo Federal, que possibilitou, já em seu segundo mandato, a ampliação do número de vagas na escola que dirige de 300 para 800 estudantes.

Também abordou o medo e os desafios a enfrentar e concluiu homenageando um professor da EAF Satuba, de Alagoas, já falecido e que demonstrava um profundo amor pela docência.

Coube a Mariângela Pereira, consultora do Pnud/MEC, representar o Diretor de Políticas de Educação Profissional e Tecnológica, professor Luiz

1 - Prof. Canrobert Kumpfer Werlang (Diretor do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria/RS); Prof. Eli Lino de Jesus (Centro Federal de Educação Tecnológica de Rio Pomba/MG); e Prof. Francisco José Montório Sobral (Escola Agrotécnica Federal de Concórdia/SC). O Prof. Genival Alves de Azeredo (Diretor do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros da Universidade Federal da Paraíba/PB) não esteve presente.

2 - A Comissão Interministerial de Educação em Agroecologia e Sistemas Orgânicos de Produção é composta pelos Ministérios da Educação – MEC; da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA; do Desenvolvimento Agrário – MDA; do Meio Ambiente – MMA; e da Ciência e Tecnologia – MCT. Foi instituída pela Portaria nº 177 de 3 de julho de 2006. Sua finalidade principal é construir, aperfeiçoar e desenvolver políticas para a inclusão e incentivo à abordagem da agroecologia e de sistemas orgânicos de produção nos diferentes níveis e modalidades de educação, bem como no contexto das práticas e movimentos sociais, do mundo do trabalho e das manifestações culturais.

Caldas. Em sua fala destacou a importância do grande momento que atravessa a Educação Profissional e Tecnológica, graças às decisões de um governo que tem demonstrado profunda compreensão acerca de seu valor estratégico no contexto do desenvolvimento nacional.

Afirmou que um novo lugar no desenvolvimento científico e tecnológico da rede federal está sendo construído para essa modalidade de ensino. Novo como resultante das discussões, reflexões e transformações gestadas ao longo dos seminários do ensino agrícola que estão em curso regionalmente. “O debate sobre a resignificação do ensino agrícola”, disse, “é de fundamental importância para que a Rede das EAFs esteja sintonizada com as demandas do desenvolvimento social local e regional”.

O representante do Grupo de Trabalho do Ensino Agrícola, professor Francisco Sobral, da EAF-Concórdia, apresentou o histórico do Grupo de Trabalho, criado no ano de 2006, quando ainda não se falava de Instituto Federal de Educação, Ciência, e Tecnologia - IFETs. Enfatizou que os mais velhos sabem que “tivemos uma orientação para o agronegócio e que as escolas foram criadas na década de sessenta para atender as demandas da Revolução Verde”. E que “décadas após a implantação da Revolução Verde, houve uma transformação. Ou seja, o agronegócio não necessita mais dos Técnicos Agropecuários. A demanda atual é por Agrônomos, Zootecnistas e outros profissionais de nível superior”.

Ressaltou que é nesse âmbito que as associações, os sindicatos, as pequenas cooperativas demandam profissionais. Para tanto, sugeriu que seja pensado em como redirecionar e integrar o currículo, adequando conhecimentos que apontem não apenas para o agronegócio, mas também para a pequena produção. Sugeriu também que deve se retomar as Cooperativas Escolas com forma de gestão atualizada e não tomar como modelo a do passado.

Enfatizou, também, que os representantes do Grupo de Trabalho do Ensino Agrícola não fazem parte da SETEC, e sim da categoria de docentes das instituições que compõem a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

Discorreu sobre a perspectiva de um novo significado do ensino agrícola no sentido de que deve ser levado em consideração a reflexão sobre quais os modelos pedagógicos que possibilitam criar novas condições de ensino-aprendizagem. Abordou o perfil do público das escolas agrotécnicas lembrando que poderia ser constituído de filhos de pequenos agricultores.

Abordou o contraste existente no atendimento, segundo o qual 70% dos jovens são oriundos de famílias que têm renda de um a dois salários mínimos, ao passo que o modelo adotado privilegia a classe mais abastada. Conforme o docente, menos de 2% dos estudantes retornam ao meio rural, para o que lançou a seguinte pergunta: “Porque isso ocorre?”.

Lembrou, ainda, sobre a necessidade de se refletir sobre os novos modelos incluindo os indígenas e os movimentos sociais do campo. Explicou que existe uma dívida social com os povos do campo, os movimentos sociais, exortando sobre como lhes incluir nesse novo processo que este sendo construído.

Afirmou o docente que, com a nova realidade sendo posta com a criação dos Institutos de Educação, Ciência e Tecnologia – IFETs, “não devemos deixar de ter nossa identidade de ensino agrícola”. Para ele, “faz-se necessário reafirmar que o Ensino Agrícola é necessário e não marginal”.

Frisou, ainda, que na plenária final cada participante deve “descobrir o quão importante é o momento que estamos vivenciando. E lembrou que “em vinte e dois anos como servidor nunca foi oportunizada uma discussão em nível nacional para tratar o ensino agrícola na Rede Federal”. Recordou, também, que nas décadas de setenta e oitenta, havia cursos de professores de agricultura, zootecnia que eram os mesmos para a região Norte e Sul do país. “Era um modelo único, sabendo-se que cada região tem sua especificidade”, destacou.

O docente ainda fez observações sobre o Evento da região Norte, tomando, por exemplo, o desconhecimento das necessidades e as particularidades locais. Destacou que naquela região, especificamente em Manaus, existe a desterritorialização da Escola, uma vez que a mesma vai ao encontro das demandas dos ribeirinhos e dos indígenas.

Afirmou que todos que “os presentes ao Evento são construtores da história do Ensino Agrícola”. Ressaltou a diferença da oportunidade atual visto que é imprescindível discutir a integralidade, os novos modelos de avaliação, bem como se os setores devem continuar. Ademais, ressaltou, “as relações ensino-pesquisa-produção devem ser discutidas seriamente e constantemente”.

Descreveu seu sentimento de privilégio por constatar a participação significativa em todos os encontros até então. E de que aquele estaria sendo o mais representativo em termos numéricos. Desejou que todos fossem co-participantes efetivos no processo de construção do novo Ensino Agrícola. Finalizou afirmando que “esse é o momento”, pois existe um ambiente singular onde todos estão sensibilizados e motivados para pensar em uma nova política de ensino agrícola para o País.

A psicóloga Alessandra Xavier, da EAF-Vitória de Santo Antão, proferiu palestra motivacional denominada “**Você viu a motivação por aí?**”. Nela destacou os conceitos de motivação como sendo: i) ato ou efeito de motivar; exposição de motivos e causas; conjunto de fatores, os quais agem entre si, e determinam a conduta de um indivíduo (Fonte: Dicionário Aurélio); ii) dar motivo a, despertar interesse por; mover estimular (Fonte: Idem); iii) na Psicologia - é uma força propulsora (desejo) por trás de todas as ações de um organismo. Em seu entendimento, “é um processo responsável pela intensidade, direção e persistência dos esforços de uma pessoa para o alcance de uma determinada meta”.

Discorreu, ainda, sobre a importância do trabalho em equipe e afirmou que nesse tipo de atividade em grupo todos buscam o conhecimento do outro para agregar ao seu. E frisou que se não houver interdependência, não haverá trabalho.

Lembrou que para o evento de culminância que acontecerá em outubro, em Brasília, a proposta de trabalho que será consolidada em um único documento adotará esta configuração. Este simbolizará as proposições do conjunto da Rede Federal de EPT e a motivação está na concretização desse esforço conjunto de construção de uma nova política para o ensino agrícola.

Finalizou sua participação com a apresentação de um vídeo musical, em espanhol, de Tony Melendez.

Ao diretor do Colégio Politécnico, da Universidade Federal de Santa Maria, professor Canrobert Kumpfer Werlang, também representante do GT do Ensino Agrícola, coube a responsabilidade pela apresentação da Metodologia de condução dos trabalhos.

Antes, contudo, lembrou a importância de que as discussões deveriam ser pautadas também por questões concernentes à educação inclusiva e da relevância de se contextualizar a realidade brasileira na trajetória formativa do estudante.

Já se valendo da experiência do Seminário da Região Sudeste, em Rio Pomba-MG, o Diretor apresentou a metodologia³ através da exposição de diapositivos, como forma de melhorar sua didática e a compreensão do público.

Destacou a opção de se trabalhar em três pequenos grupos visando melhorar a dinâmica do processo, possibilitando estabelecer uma discussão mais aprofundada, objetiva e consistente da temática. Ressaltou, da mesma maneira, que os integrantes de cada grupo receberão em meio físico e eletrônico as planilhas nas quais constam as questões norteadoras para as quais deverão ser apontadas as sugestões. As questões foram extraídas do documento base e das contribuições enviadas pela maioria das instituições que atuam no ensino agrícola.

Destacou que o resultado final do Seminário servirá de subsídio para a SETEC/MEC na formulação de políticas para o Ensino Agrícola, através de resoluções, diretrizes e indicativos.

Finalizou sua apresentação com apresentação de uma poesia do Kalil Gibran: *“Se não consegues trabalhar com alegria, é melhor deixar o trabalho e sentar à porta do templo, para pedir esmolas aos que trabalham com alegria.”*

3 – A Metodologia Participativa favorece o engajamento, o comprometimento e a participação de todos envolvidos para a consecução dos objetivos do Evento.

PLENÁRIA FINAL - QUADRO SÍNTESE

Na seqüência são apresentadas as contribuições dos participantes do Seminário do Ensino Agrícola da Região Nordeste, na forma de quadro síntese. Consta dele: proposições, dificuldades e exemplos, tendo como base as 21 questões motivadoras.

Após o Quadro Síntese são abordadas as principais questões levantadas pelos participantes na plenária final e, na seqüência, as considerações da Coordenadora sobre o Evento.

PLENÁRIA FINAL E DESTAQUES

A plenária final iniciou com a apresentação da dinâmica pelo professor Canrobert, representante do GT. Elogiou a participação e seriedade com que o trabalho foi desenvolvido, tanto no grupo de trabalho quanto no geral, e a utilização de uma linguagem adequada aos objetivos do Evento.

Já a apresentação coube ao professor Francisco Sobral da EAF- Concórdia –SC e também membro do GT do Ensino Agrícola.

Um dos primeiros destaques apontados na plenária final foi o desafio de valorizar a interdisciplinaridade como estratégia de construção do conhecimento. Destacou-se a construção da identidade do ensino agrícola; a consolidação do ensino integrado; a necessidade do planejamento do curso de forma integrada; a necessidade de integração de teoria com a prática; a adoção da pedagogia de projetos; e a criação de grupos de estudo para promover a inter e transdisciplinariedade e organizar as atividades de ensino – aprendizagem a partir da concepção do currículo inter e transdisciplinar.

O ponto mais polêmico foi a discussão sobre o retorno dos **Setores Didáticos**⁴ (Unidades de Ensino e Produção – UEPS, Setores de Produção, Laboratórios de Produção, etc.). O grupo se debruçou em cima dessa questão ressaltando as dificuldades encontradas para o desenvolvimento das atividades didático-pedagógicas e produtivas. Citou-se, como exemplo, a retomada das coordenações com gratificação; melhoria das condições de infra-estrutura das atividades produtivas em consonância com o Estatuto da Criança e Adolescente – ECA.

Com relação ao Ensino Agrícola, em particular, os destaques apontados foram:

- Orientar as práticas pedagógicas na perspectiva de possibilitar a transição agroecológica de algumas atividades produtivas;

4 - Após longa discussão chegou-se a um consenso de denominar as Unidades de Ensino e Produção, Laboratório de Produção ou Setores de Produção de **Setores Didáticos**, com o objetivo de contemplar todos os setores de ensino e produção da escola.

- Organizar visitas técnicas em assentamentos, núcleos de organização familiar e nos espaços onde existem movimentos sociais com objetivo de traçar o perfil das necessidades do grupo;
- Ofertar cursos de extensão em comunidades que solicitarem e/ou apresentarem demandas;
- Criar uma plataforma de currículos para egressos, no site das Escolas⁵;
- Atualizar, em conjunto com o Conselho Tutelar, as normas da Escola em relação ao ECA;
- Trabalhar os conceitos de comércio solidário no cooperativismo;
- Desenvolver possibilidades formativas que contemplem as múltiplas necessidades socioculturais e econômicas dos sujeitos;
- Criar um Grupo de Trabalho para acompanhar as ações de transição das Escolas Agrotécnicas para os Institutos de Educação Ciência e Tecnologia - IFETs e quais as estratégias a serem adotadas;
- Pleitear assento das Escolas Agrotécnicas nos Conselhos da SETEC/MEC.

No tocante à implantação dos Institutos de Educação Ciência e Tecnologia – IFETs foi discutido a participação das Escolas Agrotécnicas nas discussões sobre a proposta pedagógica dos mesmos.

5 - Existe uma Plataforma que foi batizada de MIAU, em frente ao Lattes. Na Rede Federal existe o SIGA (Sistema Integrado de Gestão).

CONSIDERAÇÕES DA COORDENADORA

Segundo as reflexões, discussões e proposições apresentadas no Seminário do Ensino Agrícola da Região Nordeste pode-se depreender que o ensino agrícola deve ser capaz de promover a formação humana na sua totalidade, estando indissociável da ciência e da cultura, humanismo e tecnologia. Que a resignificação do ensino agrícola deve contribuir com ações efetivas no sentido de desenvolver possibilidades formativas que contemplem as múltiplas necessidades socioculturais e econômicas dos sujeitos que a constituem.

O ensino agrícola deve introduzir na sua pauta a reflexão do trabalhador camponês sobre as transformações na natureza e de seu trabalho. Essa proposta sugere que o ensino agrícola avance no sentido de se tornar uma educação tecnológica, para além do saber fazer. Os estudantes em formação têm o direito e o dever de refletir sobre sua profissão de forma contextualizada e aprender, na escola, os elementos necessários para uma reflexão crítica, o que demanda, mais do que uma mera formação técnica que os insira no mercado por meio do certificado, uma formação que lhes proporcione a oportunidade de elevar o nível de conhecimento para além do senso comum. Devem, deste modo, constituírem-se a partir de uma crítica sobre a divisão social do trabalho no capitalismo e suas consequências sobre as relações dos homens entre si e com a natureza.